

O Afinador de Piano Daniel Mason

Consta na orelha que é o primeiro romance do autor, e surpreende por dois motivos: é um autor jovem, e o leitor se depara com uma obra de alta qualidade literária. Ainda na orelha: “alia fatos históricos a uma sensibilidade apurada e uma habilidade narrativa incomum”. É isso mesmo, a leitura é agradabilíssima.

Não cativa pelo enredo, este é quase inexistente. Trata-se de uma obra de viagem, uma viagem de aventura. Em dado momento faz-se referência à *Odisseia* de Ulisses. É isso, uma odisseia, porém, numa viagem inversa à do herói grego.

Edgar Drake, o protagonista, sai de Londres rumo aos confins da Birmânia. Vai por conta do exército britânico com a missão de afinar um piano. Piano de cauda Érard de cuja marca é renomado técnico. A viagem em navios a vapor (final do século XIX), longa e cheia de incidentes, ora pacíficos ora perigosos, vai pelo Mediterrâneo e adentra por rios asiáticos até a sua Troia, isto é, até ao Forte de Mae Lwin onde o piano o espera.

Ali não apenas afina o piano, mas vê-se enredado na teia político-militar do Major Anthony Carroll que faz um jogo dúbio. Não se tem clareza na atividade do Major junto às tribos autóctones, atividade que causa suspeita ao Comando do Exército Britânico. A narrativa acaba por invasão do forte pelas forças de que, em princípio, o major delas era partícipe.

E o piano? E o herói? Este, deveras, não teve o fim venturoso do herói da *Ilíada* e da *Odisseia*.

Esta foi a segunda leitura, e, houvesse tempo, faria a terceira!!!

(MASON, Daniel *O Afinador de Piano*. Trad. de Beth Vieira, São Paulo, Companhia das Letras, 2003)